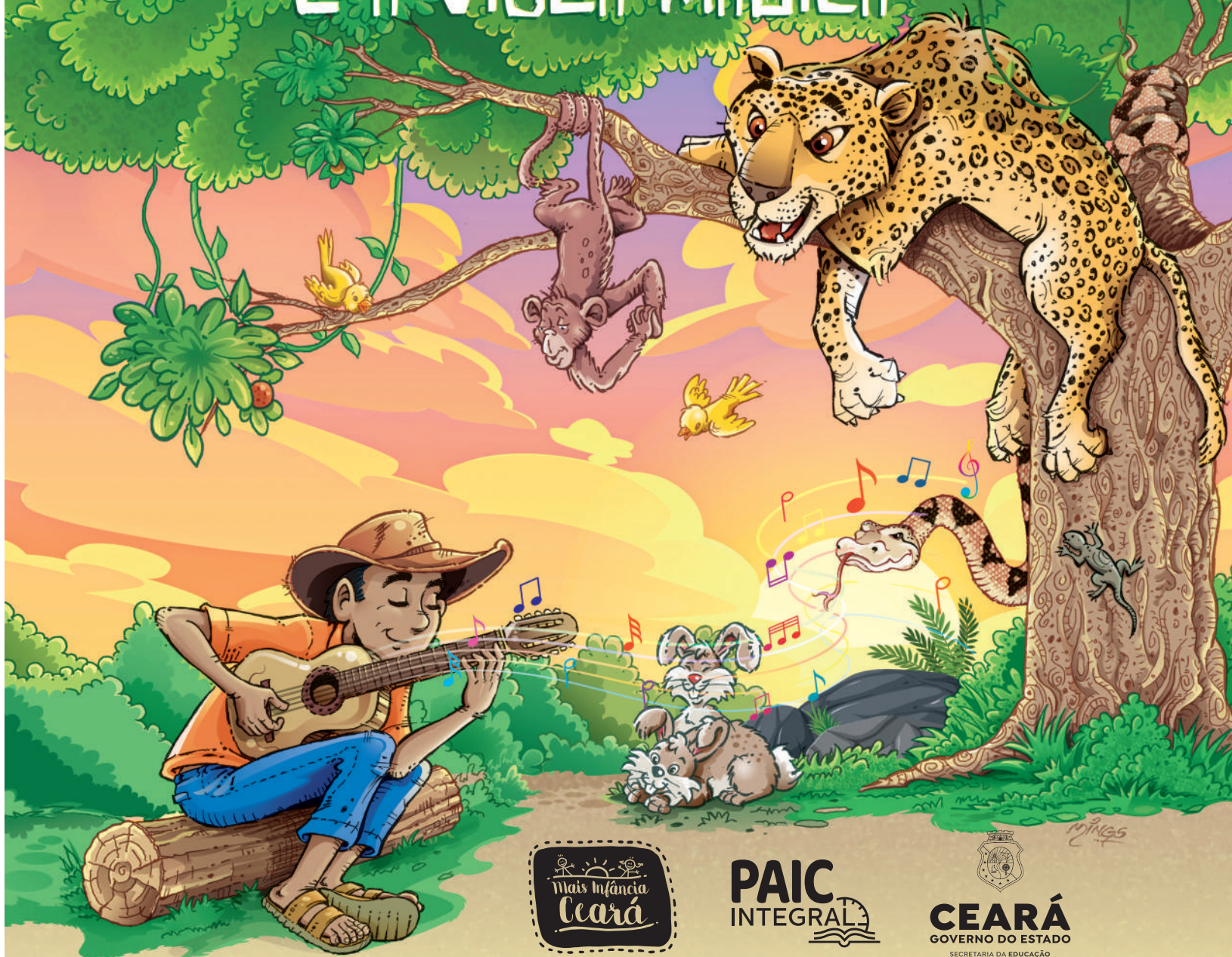


III

C
A
T
E
G
O
R
I
A

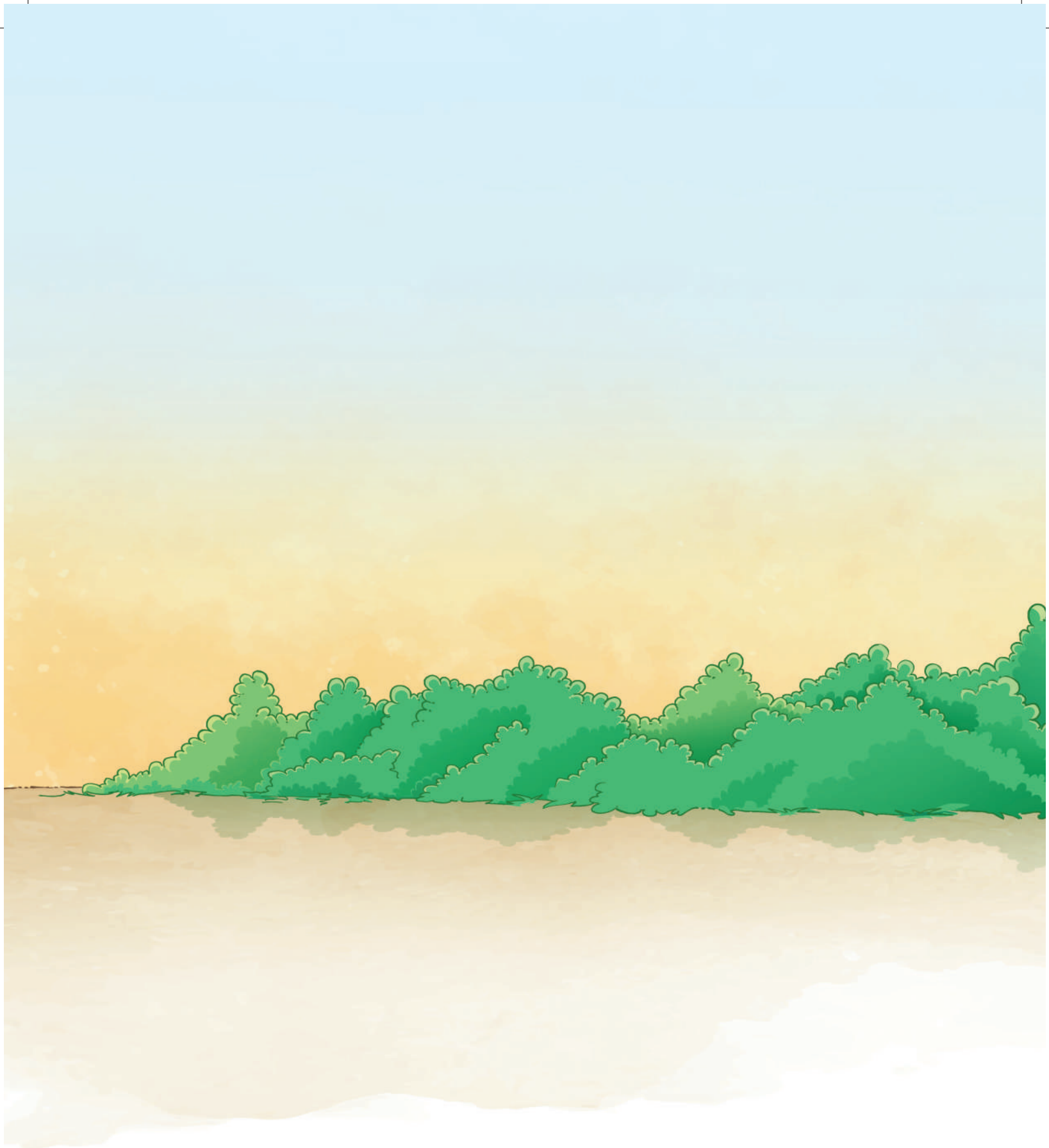
Texto e Ilustrações:
José Domingues

ZÉ ORFEU E A VIOLA MÁGICA



PAIC
INTEGRAL


CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO





Texto e Ilustrações:
José Domingues

ZÉ ORFEU E A VIOLA MÁGICA



Fortaleza • Ceará • 2022

Governador

Elmano de Freitas da Costa

Vice-Governadora

Jade Afonso Romero

Secretária da Educação

Eliana Nunes Estrela

Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira

Coordenadora de Cooperação com os Municípios para Desenvolvimento da Aprendizagem na Idade Certa - COPEM

Cristiane Cunha Nóbrega

Articuladora de Cooperação com os Municípios para Desenvolvimento da Aprendizagem na Idade Certa - COPEM

Arinda Cibelle Galvão Lobo

Orientador da Célula de Fortalecimento da Alfabetização e Ensino Fundamental - CEFAE

Cristiano Rodrigues Rabelo

Eixo de Literatura e Formação do Leitor

Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda

Sammya Santos Araújo

Antônio Elder Monteiro de Sales

**Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão**

Kelsen Bravos

Revisão Textual

Sara Colares

Coordenação Gráfica

Daniel Dias

Design Editorial / Capas

José Domingues

Jozias Rodrigues

Marisa Marques

Catálogo e Normalização

Centro de Documentação e Informações

Educacionais - SEDUC / CDIE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D671z Domingues, José

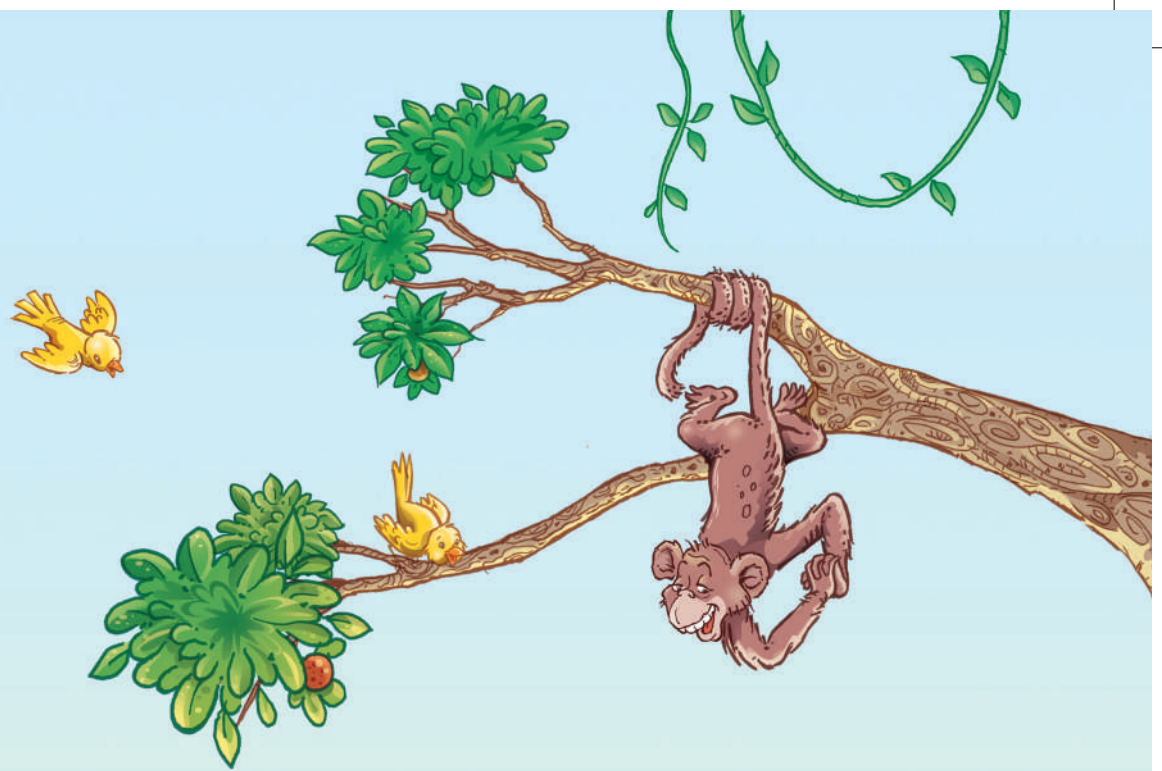
Zé Orfeu e a viola mágica / José Domingues. - Fortaleza: SEDUC, 2022.

52p.; il.

ISBN 978-85-8171-375-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. Reconto. 3. Mito. I. Domingues, José. II. Título

CDD: 028.5



A Deus, luz eterna que nos guia.
Aos meus filhos, João Neto e Rafael,
meus leitores mais vorazes.
Aos amigos Daniel Dias e Fabiana Skeff,
por me fazerem acreditar.



SUMÁRIO

Capítulo 1	
CONHECENDO MARIA EURÍDICE	7
Capítulo 2	
BRINCANDO COM FOGO	11
Capítulo 3	
À ESPERA DE UM PÉ DE VENTO.....	15
Capítulo 4	
O PLANO DA CUCA	28
Capítulo 5	
INVADINDO A GRUTA DA CUCA.....	32
Capítulo 6	
O RESGATE	40





Capítulo 1

CONHECENDO MARIA EURÍDICE

Essa é a história de Zé Orfeu, filho único do Mestre Apolônio, um dos melhores violeiros do Nordeste. Dizem que até os gregos antigos escreveram sobre ele... O pai, já idoso e também viúvo, ensinava ao filho, desde pequenino, a arte da cantoria.

Aos domingos, frequentavam as feiras, onde duelavam com outros violeiros. Contudo, nem sempre o jovem aprendiz tinha um dia bom. Às vezes uma das cordas da viola quebrava no meio de um duelo, noutras faltavam palavras de improviso para fechar a rima... Eram situações que deixavam Zé Orfeu um pouco triste.

Foi nas Festas Juninas que Zé Orfeu viu, pela primeira vez, Maria Eurídice, a filha do coronel Ventura, fazendeiro da região. O fato ocorreu no momento em que o jovem violeiro competia com Aristeu Paraibano, um dos melhores repentistas de Campina Grande.



Maria Eurídice tinha olhos cor de âmbar e sua pele bronzeada contrastava com seus longos cabelos escuros. Ao contemplá-la, uma chama acendeu-se no coração de Zé Orfeu – sua mente clareou, que nem céu limpo depois de um dia de chuva, e palavras de improviso surgiram como se sopradas pelas almas dos mestres violeiros. Seus dedos, então, começaram a dedilhar as cordas da viola como quem atíça fogo.

As rimas de improviso simplesmente saíram da boca de Zé Orfeu quando notou a animação da moça – e, se a inspiração viera do cupido ou de Santo Antônio, o fato era que tais palavras já deixaram coradas as faces de Maria Eurídice.

“Eita, cabra bão!”, “Bicho invocado!” – Eram apenas algumas das expressões dos presentes. Maria Eurídice, ruborizada, ria que dava gosto de se ver.



Porém, diante da pressão do momento, os dedos de Zé Orfeu, já insensíveis, pressionaram as cordas com tamanha força que partiram uma delas.... O duelo, então, chegou ao fim.

Resignado e cabisbaixo, o jovem violeiro procurou pelo pai entre a multidão e o avistou bem distante do aglomerado, acenando com o chapéu. Em silêncio, seguiram em direção à pequena casa de taipa onde moravam, nas proximidades do rio.

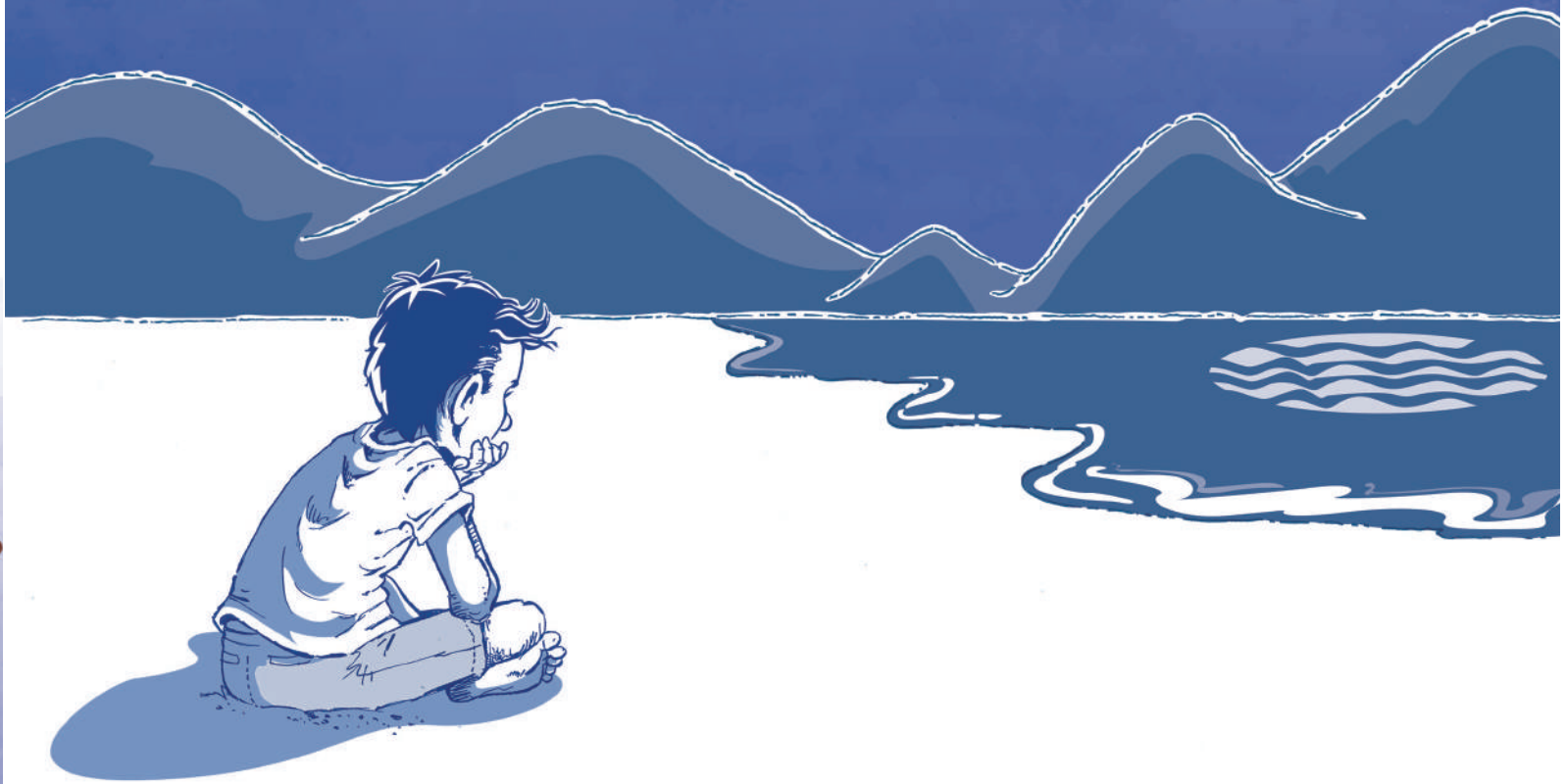


Capítulo 2

BRINCANDO COM FOGO



O sol ainda dormia quando Zé Orfeu despertou. O sono tinha sido leve, e o ronco de seu pai, na rede ao lado, só piorava: era que nem barulho de carburador de fusca. Com os pés descalços, vestindo apenas uma camiseta branca e bermuda, o jovem partiu em direção ao rio. A lua já ia alta e o ambiente, totalmente silencioso. Chegando às margens, ele sentou com as pernas cruzadas e mirou, com olhar perdido, a silhueta da serra ao leste – esperava a alvorada.



— Tá triste por quê, macho véi? — Uma voz ecoou.

De um salto, Zé Orfeu se levantou e, por detrás de uma moita, surgiu o que parecia ser um indígena de baixa estatura, no entanto, devido à pouca iluminação, não era possível distinguir suas feições.

— Tu não assistiu ao último duelo de viola, né? — perguntou Zé Orfeu.

— Não, mas ouvi falar de ti, o violeiro perdedor...

— Por que tu me diz isso?

— É porque tu num tem dom pra ser violeiro, macho véi!

“Cabra malcriado... Só pode ser pau mandado de Aristeu Paraibano.” – Pensou. Como ainda sentia na boca o gosto amargo da derrota, Zé Orfeu pegou um pedaço de pau e partiu para cima do desconhecido.

— Repete o que tu falou, desgraçado!

Com a velocidade de um raio, o estranho, sem demonstrar esforço algum, segurou o pulso do jovem e o apertou. Urrando de dor, Zé Orfeu, por fim, cedeu, deixando cair o pedaço de madeira.

Enquanto isso, algo assombroso acontecia com aquele estranho: sua cabeleira começava a pegar fogo, que nem uma tocha embebida em querosene. E o mais assustador: as chamas não o consumiam!

— Tu acaba de brincar com fogo, macho véi! — exclamou a criatura, desta vez mostrando-se por inteiro: estava seminu, possuía pelos no corpo todo e andava com os pés virados para trás!



- Caipora... Então tu existe mesmo!
- Bem antes de teus avós... Muito antes do homem branco invadir as terras dos povos originários!
- E agora, o que acontece, vai tirar minha vida?
- Não sou matador, macho véi. Protejo a vida! — dizendo isso, o Caipora deu meia-volta, preparando-se para ir embora.
- Tu falou a verdade... Deus não me concedeu o dom da viola.

— Tem outros meios de conquistar isso, macho véi. — falou o Caipora, com um gracejo.

— Ei, antes de ir embora, me diz como!

— Macho véi, tudo tem um preço. — Ao dizer isso, as chamadas sobre sua cabeça alternaram do amarelo para o vermelho, aquecendo mais ainda o ambiente.

— Me diz como conseguir o dom, e eu te dou o que quiser!

— Tu é bem teimoso, hein, macho véi? — Aceitando o trato, o Caipora enfim revelou o valor da permuta: 1 quilo de fumo de rolo. Sendo assim, os dois combinaram um encontro naquele mesmo local, à meia-noite, quando todos já estariam no terceiro sono.

Com o sol prestes a despontar no horizonte, o Caipora então assoviou e em poucos segundos, um enorme javali surgiu, abrindo clareira por entre as moitas.

— *Inté* meia-noite, macho véi! — despediu-se.

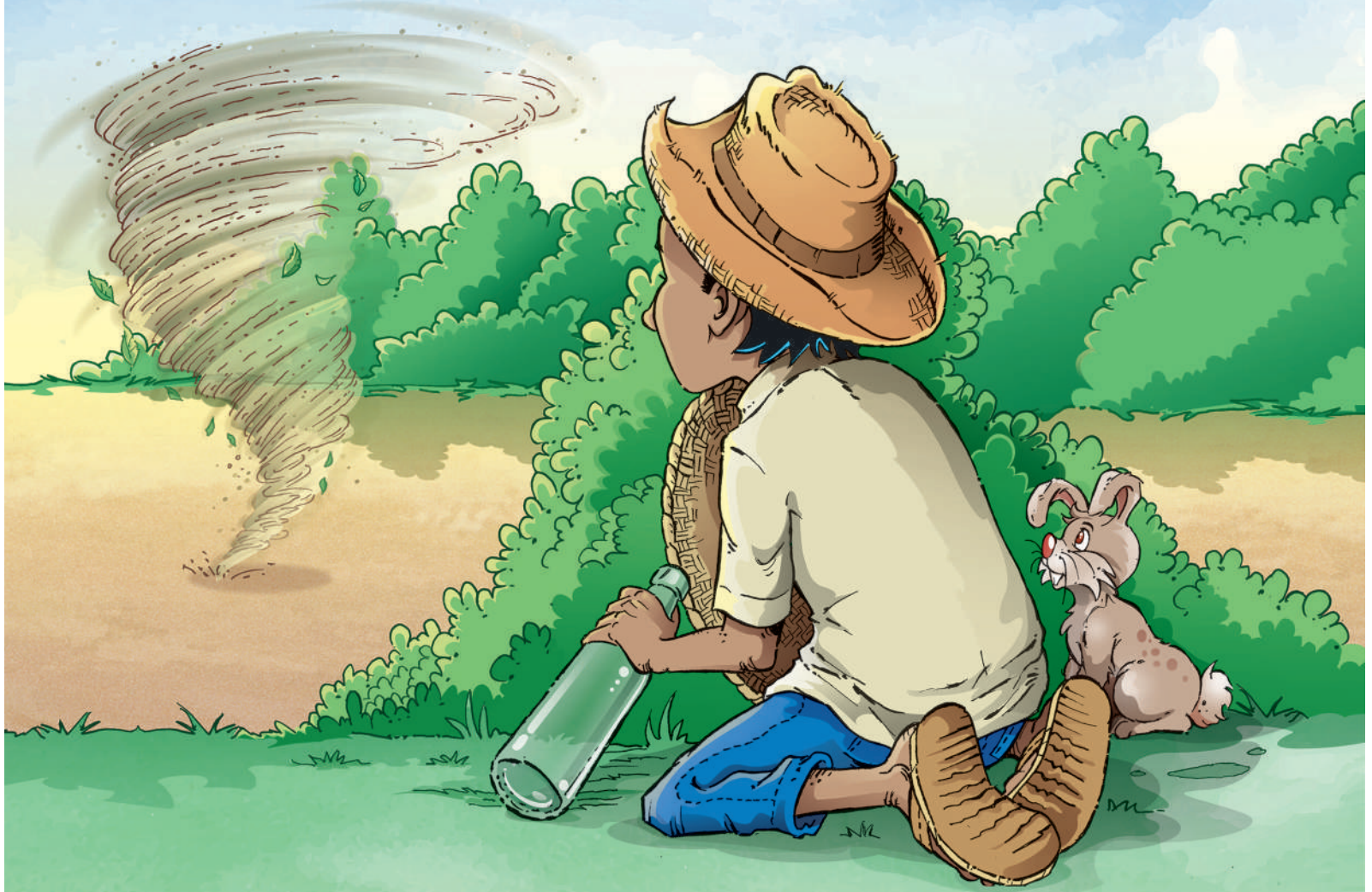
Quando a tão esperada meia-noite chegou, Zé Orfeu já se encontrava no local, carregando consigo o fumo de rolo, embrulhado em papel de bodega. De repente, entre sons de galhos se partindo e guinchos do javali, o Caipora surgiu, imponente que nem São Jorge em seu corcel branco.

— Tu é *home* de palavra, macho véi! — disse ele. Então, Zé Orfeu entregou o pacote, como prometido, e o Caipora falou no pé do ouvido do jovem. Só Deus sabe o que confabularam em voz tão baixa...

* * *

Capítulo 3

À ESPERA DE UM PÉ DE VENTO



Já marcava meio-dia quando Zé Orfeu retornou à mata. Encontrava-se agachado atrás de uma moita, diante de uma clareira. Segurava contra o peito uma peneira de palha, onde havia uma cruz rabiscada na parte externa. Também levava consigo uma garrafa de conhaque vazia.

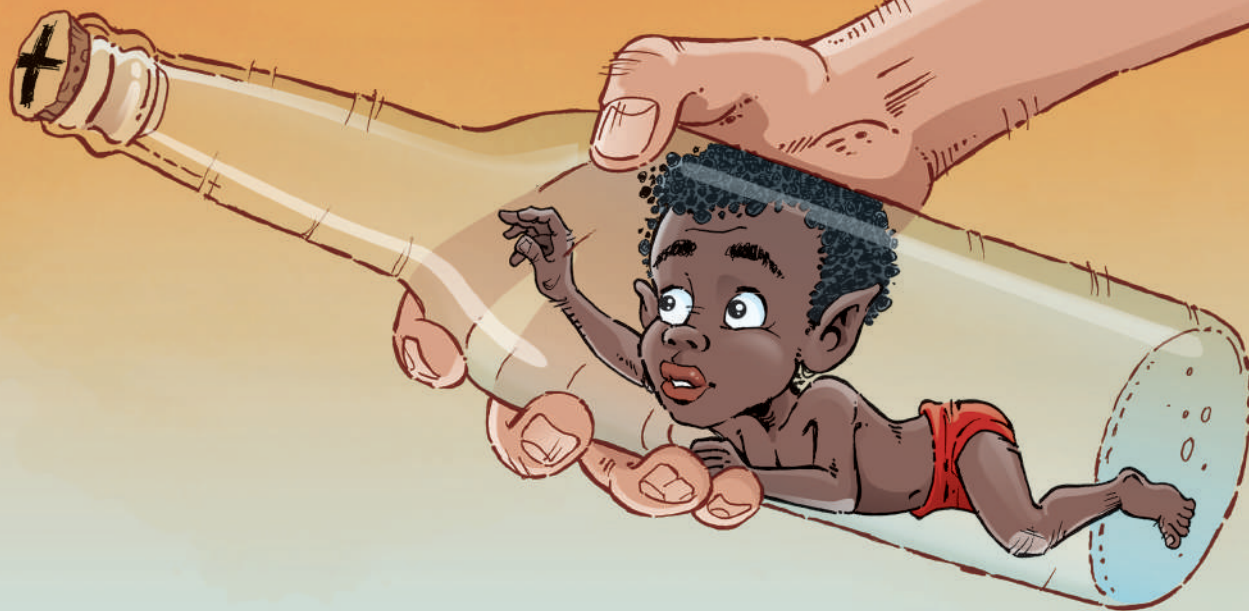
De repente, um forte rodamoinho de poeira surgiu. “É agora!”. Sem perder tempo, Zé Orfeu saltou como uma onça, jogando a peneira por cima do pé de vento.



— Te peguei! — gritou ofegante, mantendo-se sobre a peneira emborcada e tremulante, como se houvesse um bicho preso. Cuidando para não sair de cima, com cautela, Zé Orfeu enfiou o gargalo da garrafa por debaixo da peneira – a agitação, então, cessou de vez.

Foi aí que Zé Orfeu sentiu uma vibração na garrafa. — “Chegou a hora!” – Subitamente, meteu a mão por debaixo da peneira e puxou de lá algo vermelho.

— Consegui! — gritou. E retirou do bolso da camisa uma rolha de cortiça, vedando, por fim, a abertura da garrafa. Sentindo-se recompensado após aquela luta, o jovem saltitava de alegria enquanto erguia o recipiente e admirava seu estranho conteúdo.



No interior da garrafa, uma pequena criatura espantada tentava se equilibrar, apoiando-se no vidro, pois tinha uma perna só: era um saci. Ele tentava saltar, de forma a empurrar a rolha, mas algo o repelia.

— Tem uma cruz gravada na superfície da rolha, Saci. — informou Zé Orfeu.

— Deixa só Saci escapulir que ele vira tua vida de ponta pra baixo, moleque! — resmungou o Saci.

— Estou com tua carapuça... — disse o jovem violeiro enquanto retirava a carapuça vermelha do bolso traseiro da calça.

O pequeno ser, então, deu-se conta da situação: estava sem a carapuça, fonte de seu poder, e caiu numa armadilha que somente os povos antigos conheciam. Enfim, perguntou:

— Quem te ensinou a capturar sacis?

— O Caipora.

Ao saber disso, os olhos do Saci ficaram vermelhos e ele começou a saltitar que nem bicho enfurecido.

— Só podia ser coisa daquele diabrete... Deixa só Saci sair daqui! — resmungou.

Em poucas palavras, Zé Orfeu contou toda a conversa que tivera com o Caipora, além de explicar o motivo daquela captura. E também deixou bem claro ao Saci: o libertaria e devolveria a carapuça após um juramento dele, pois, segundo o dito, sacis jamais quebram promessas.

— A viola de São Gonçalo?! Mas ela é inacessível, moleque.

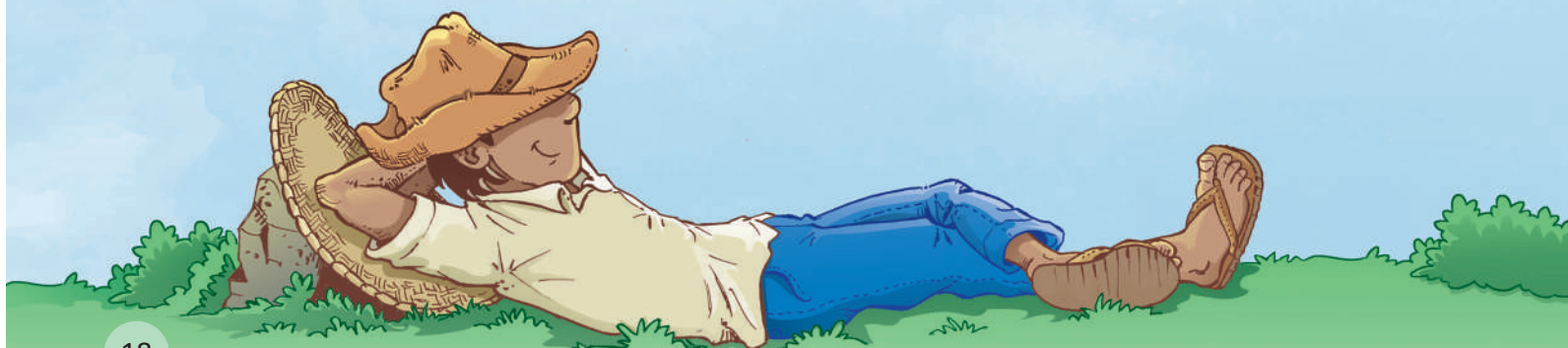
— Como assim, inacessível?

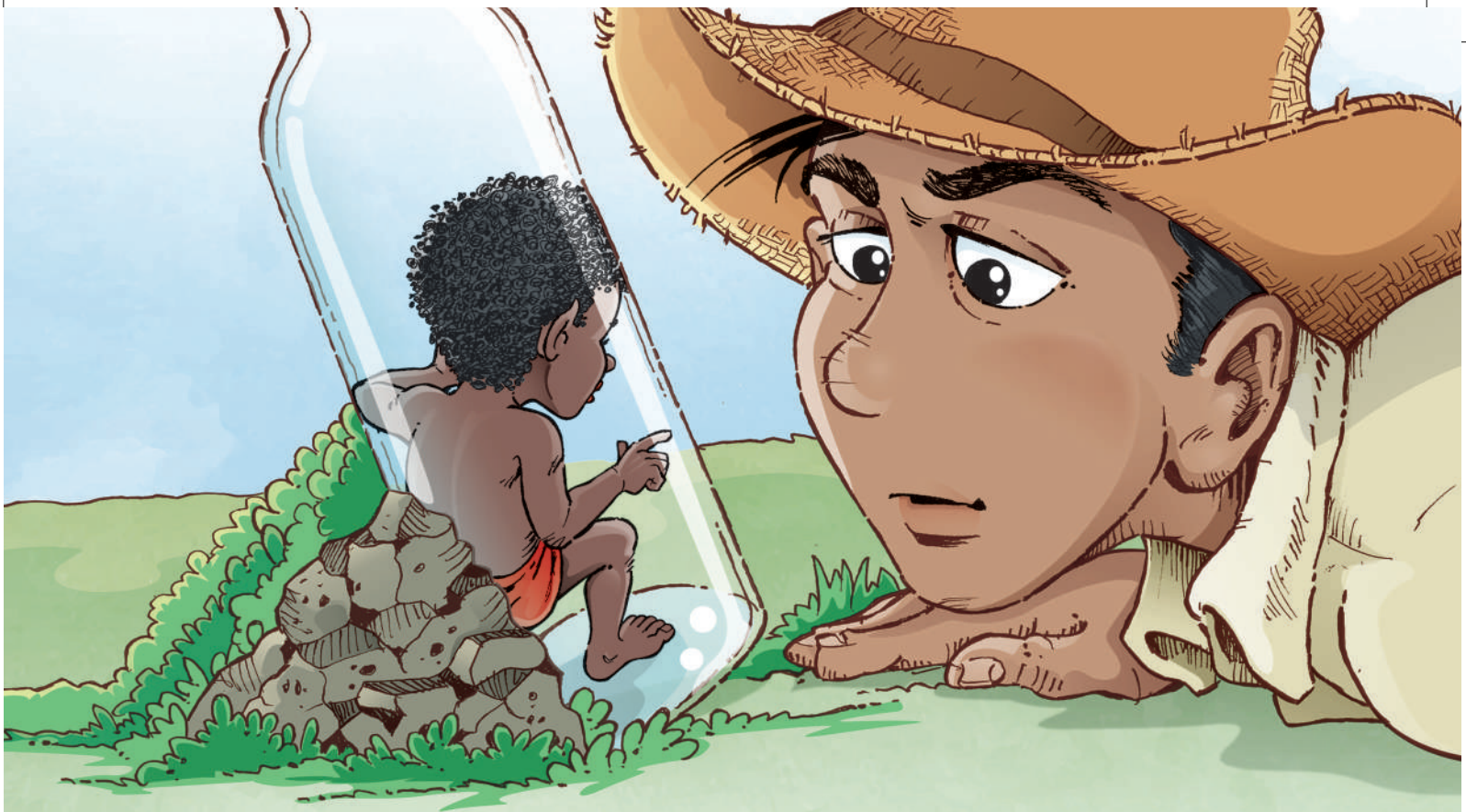
— Ela está guardada a sete chaves, na gruta da Cuca!

— Mas num piscar de olho tu pega... Afinal, és o mestre dos sumiços!

— Pede outra coisa, moleque... Disso aí Saci passa é longe. — disse, cruzando os braços sobre o peito.

— Bem, então vai passar a vida toda aí dentro, e darei sumiço na carapuça... — dizendo isso, Zé Orfeu deitou-se embaixo de uma árvore, usando a peneira como travesseiro e colocando a garrafa nas proximidades.





Não deu meia hora e o Saci começou a gritar ao mesmo tempo que batia no vidro.

— Moleque! Moleque!

— Hã? O que foi, Saci...? — Respondeu Zé Orfeu, fingindo despertar.

— Saci pega a viola pra ti, mas com uma condição.

— Qual, Saci?

— Tu se vira com a Cuca. Não vou me meter com ela.

Zé Orfeu pigarreou, coçou a cabeça e disse:

— E se eu não aceitar?

— Então Saci fica na garrafa mesmo. Saci é mestre dos artifícios: cedo ou tarde, Saci escapole... — respondeu o duende perneta, em meio a uma risada contida.

— Tá doido? Como eu poderia encarar a Cuca? Nem poderes eu tenho!

- Sabe de nada, moleque... Com a viola mágica, tu pode tudo!
- Até derrotar a Cuca?
- Sim, sim, moleque. Tu pode vencer qualquer coisa viva.

Depois do pacto selado, Zé Orfeu soltou o Saci – assim que se viu livre e já de carapuça na cabeça, pôs-se a dançar e dar cambalhotas em meio a risadas de prazer.



O jovem violeiro sentiu, então, uma pontada de arrependimento por tê-lo capturado de uma forma tão cruel, afinal, era uma criaturinha que amava a liberdade e a natureza.

Após saltitar de alegria, o Saci aproximou-se de Zé Orfeu e murmurou, olhando para os lados, como se estivesse sendo observado.

— Agora, Saci vai buscar tua viola mágica. — E, dando dois pulos para trás, girou sobre si e tornou-se um rodamoinho. Porém, antes de desaparecer, jogou um punhado de areia nos olhos do violeiro.

— Isto é por ter capturado Saci! — disse.

Passavam-se os minutos e Zé Orfeu esperava, sentado à sombra de uma árvore.

De repente, uma ventania surgiu do nada, agitando as moitas e, em seguida, o duende perneta apareceu.

— Moleque, nunca mais Saci faz isso, viu? — disse ele.

Com mãos trêmulas, entregou a viola mágica para Zé Orfeu, que a segurou como se fosse um bebê recém-nascido. Maravilhado, ele virava o instrumento de todos os lados, observando cada detalhe.

Aquele objeto mágico parecia ter um magnetismo misterioso, pois atraía quando era manuseado. Até o Saci sentiu-se impelido a tocá-lo.



— Saci cumpriu a parte dele do trato, moleque. Agora Saci tá livre!

— Nunca esteve preso, Saci. Pode seguir em paz, amigo. — disse Zé Orfeu.

Então, da mesma forma que apareceu, o Saci foi embora, deixando para trás um rastro de poeira e um eco de sua voz:

— Cuidado com a Cuca, moleque!

* * *





Passaram-se apenas alguns dias e Zé Orfeu, de posse da viola mágica, tornou-se imbatível nas rodas de violeiros – tirava de letra os improvisos e maravilhava a todos.

Zé Orfeu aprendia rapidamente a usar a magia das notas. Dessa forma, enfeitiçava o ouvinte, levando-o a agir sob encanto. Foi assim que o jovem violeiro fez o pai cessar as importunações por causa do novo instrumento – enfeitiçado, o velho passou a enxergar a antiga viola, ao invés da recém-adquirida.

Contam que, quando Zé Orfeu ia para o mato afinar as cordas da viola mágica, as onças o seguiam, domadas e mansas, e até os pássaros e os bichos paravam para ouvi-lo. Por conta desse reboiço, as notícias voavam e não tardaram a chegar aos ouvidos da Cuca.

A bruxa tinha o corpo todo revestido de escamas, que nem um réptil, e a cara, ah, essa era assustadora: cabeça de jacaré; bocarra, sempre entreaberta, repleta de dentes pontiagudos; olhos enormes e vermelhos; mãos com garras afiadas... O terror em pessoa!



Intrigada com o burburinho dos seres do mato, ela refletiu: “Um marmanjo que lança encantoss por meio de uma viola... Ssse bem me lembro, o único que tinha esse poder era o beato Gonçalo do Amarante... Masss, isso foi há quase mil anosss!” Com esse pensamento em mente, a terrível bruxa abriu seu enorme baú de relíquias... Vasculhou, vasculhou... E nada do instrumento mágico.

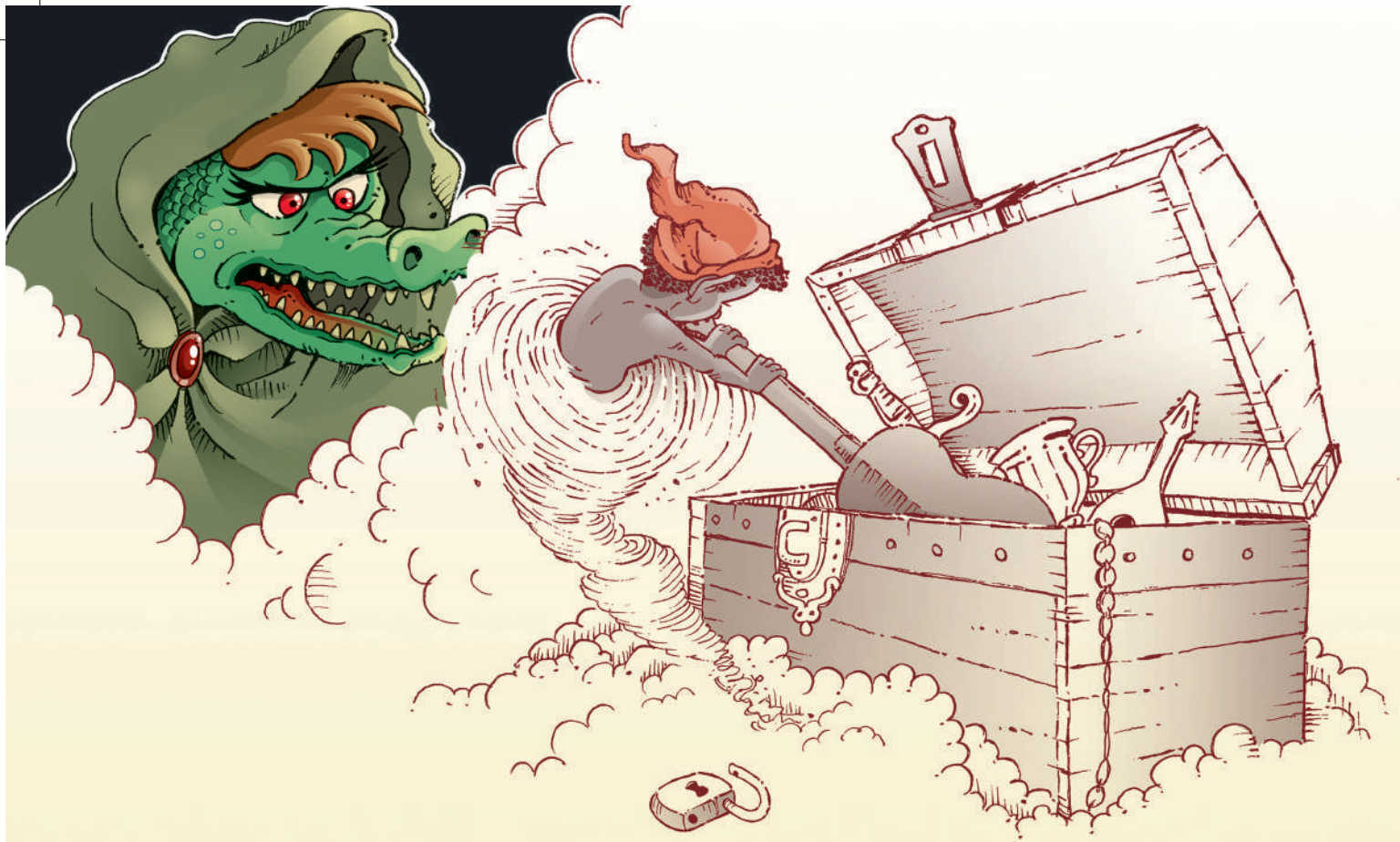
— Alguém roubou a viola! — bradou a Cuca, que, encolerizada, deu um urro que se fez ouvir por toda a mata. Recobrando a calma, ela consultou o poço-que-tudo-vê – uma cratera situada nos fundos da gruta, que mostrava o futuro, o presente e, também, o passado.

Após proferir algumas fórmulas mágicas, a Cuca ordenou:

— Ô, poço-que-tudo-vê, mosstrai-me o dia, a hora e quem roubou minha viola.

Em instantes, do interior do poço, no qual nenhuma luz penetrava, uma névoa começou a se formar, preenchendo todo o recinto.





Envolvida pelo nevoeiro, a Cuca aos poucos foi distinguindo as sombras que se definiam à sua frente. Foi nesse momento que ela visualizou o Saci, diante do baú, destrancando o cadeado com um estalar de dedos e, sem sequer vasculhar entre os objetos, simplesmente meteu a mão e retirou a viola!

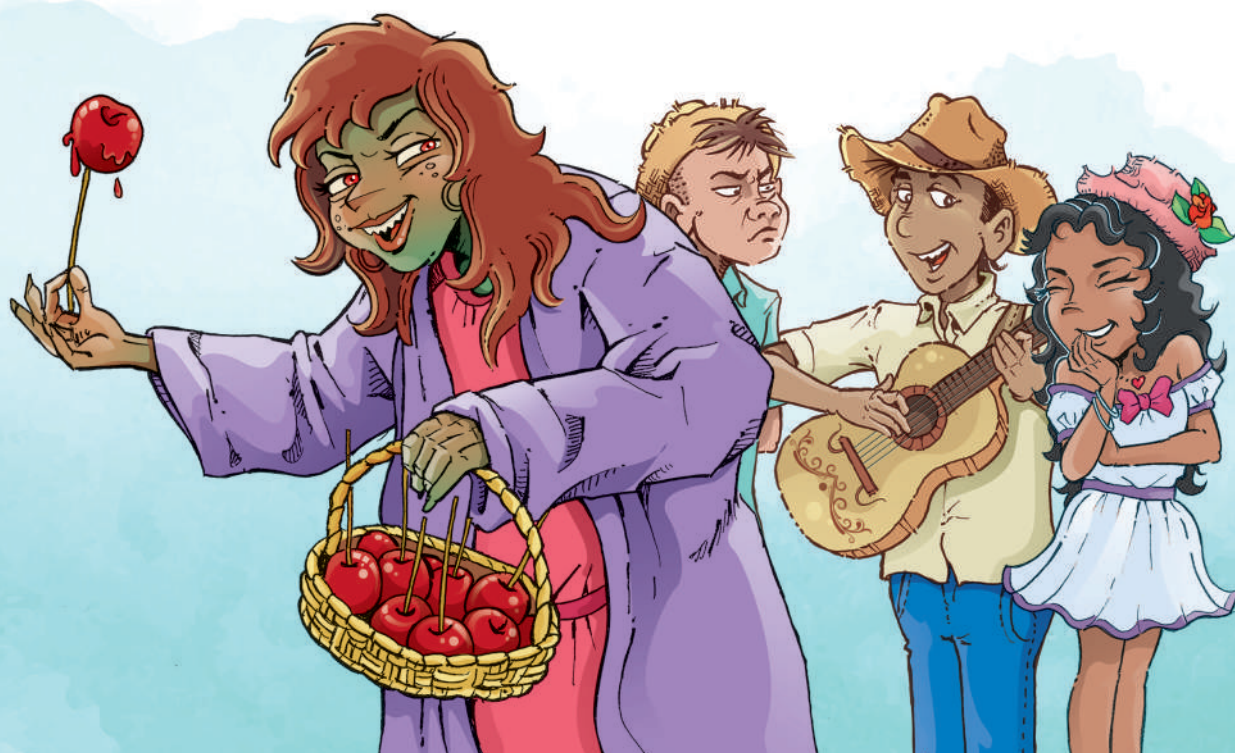
Nas cenas seguintes, a Cuca visualizou o Saci se materializando diante de Zé Orfeu e entregando-lhe, então, a viola roubada. O resto dos acontecimentos vocês já conhecem.

Em busca do porquê daquele roubo, a Cuca, ainda envolvida pela névoa, recuou vários passos – isso fazia o tempo voltar nas visões – então presenciou a captura do Saci e o pacto feito com Zé Orfeu.

— Agora tudo ficou claro! — exclamou ela.

Alheio ao perigo iminente, Zé Orfeu continuava a tirar proveito dos poderes da viola, no entanto, ele não usava a magia para conquistar Maria Eurídice, já que a moça não escondia sua afeição pelo jovem desde o início: as trocas de olhares e os sorrisos tornavam-se frequentes, e tais chamegos não passavam despercebidos ao paraibano Aristeu. Ele não entendia a causa das constantes surras tomadas nos duelos, nem imaginava o motivo das vitórias sem fim de Zé Orfeu.

Os incidentes isolados envolvendo o trio jamais seriam notados por uma pessoa normal, mas a Cuca não se enquadrava nessa regra – era uma bruxa. Ela estava presente na feira, disfarçada de vendedora ambulante que vendia maçãs do amor. Infiltrada na multidão, ela mantinha os olhos fixos na viola mágica e, também, não perdia de vista o que acontecia entre os jovens.



Seria muito fácil para a Cuca recuperar aquela viola, quem sabe conjurando um feitiço ou até mesmo usando suas garras – que Deus me defenda! Mas ela era impiedosa e queria fazer Zé Orfeu pagar bem caro. Por isso, após perceber a paixão que os dois violeiros nutriam por Maria Eurídice, um plano maligno se instalou na mente da bruxa, que, naquela hora, deu meia-volta e retornou à gruta.

Capítulo 4

O PLANO DA CUCA

Apesar de estar de namoro sério com Maria Eurídice, com direito até de acompanhá-la às missas dominicais, Zé Orfeu se viu diante de uma situação incômoda: o paraibano Aristeu fixou moradia na região, passando, portanto, a trabalhar como apicultor na fazenda do coronel. Dessa forma, tornou-se presença frequente por lá.

Foi numa tarde quente de agosto que a Cuca resolveu pôr seu plano em prática. Nesse dia, ela preparou uma poção especial, misturando no caldeirão vários ingredientes que causavam enjoos até nos urubus que ali sobrevoavam.

Após a poção ficar pronta, a Cuca ingeriu, num gole só, uma pequena dose do líquido. Passados alguns segundos, ela deu um urro tão alto que todos os bichos e entidades da mata se espantaram. Nisso, iniciou-se uma transformação que desafiava as leis da natureza: seu corpo todo

começou a mudar – as mãos, os braços e as pernas encolheram até desaparecerem por completo... Coisa medonha de se ver! Enfim, ela se transformou numa surucucu enorme, de meter medo até no cabra mais destemido. Logo em seguida, a serpente embrenhou-se no mato, rastejando tão veloz que arrancava as moitas pelo caminho.



O sol já se preparava para se pôr, e o tempo começava a esfriar, mas era um frio diferente, de gelar os ossos... Foi essa a sensação que Aristeu Paraibano sentiu, antes de voltar pra casa. Naquele momento, ele ouviu um sibilo nas proximidades:

— Vixe, Maria... Uma cobra! — murmurou.

Sem pensar duas vezes, Aristeu deu meia-volta e, quando ergueu a perna para correr, não conseguiu sair do lugar: estava paralisado. No entanto, ele a tudo via e ouvia. Então, presenciou o que parecia ter saído de um pesadelo: a surucucu se aprumou, até sua cabeça ficar à altura dos olhos dele, e sibilou por vários segundos...

Enfeitiçado, Aristeu dirigiu-se à varanda e chamou por Maria Eurídice. Sem desconfiar de nada, a moça o atendeu prontamente.

— Eurídice, precisa ver uma coisa... — disse ele. Então, ela o acompanhou.

Foram em direção ao apiário, local mais afastado da fazenda.

— Aconteceu algo, Aristeu? — perguntou ela, parando no meio do caminho e, virando-se, assustou-se com o que viu: o jovem Aristeu estava diferente. Seus olhos não tinham brilho, e um sorriso malicioso abria-se nos lábios dele.

Então, Maria Eurídice correu assustada. Como não tinha como retornar pelo caminho da fazenda, o jeito foi seguir em direção ao apiário. Mas logo sentiu que lhe faltavam forças, e sua vista tornou-se embaçada – apenas uma imagem se mantinha definida: uma enorme serpente que se aproximava, sibilando sem parar.



Enquanto isso, Zé Orfeu dobrava as tarrafas de pescaria. Não conseguira muitos peixes dessa vez.

De repente, um vento forte passou por ele, como um mau agouro. Zé Orfeu, já conhecia esse tipo de ventania. “O Saci.” Pensou. E, olhando em volta, percebeu dois olhos brilhando por entre os arbustos, que nem olhar de gato no escuro.



— Amigo, achava que nunca mais ia te ver...

— Nem o Saci, moleque. Mas tu precisa saber que tua amada está à mercê da Cuca.

— Minha Maria Eurídice... mas o que ela fez para merecer isso?

— Nada. Mas tu fez, moleque... Tu achou que ia ficar barato?

— Disse o Saci, apontando para a bolsa que o jovem carregava.

— Pois é... O Caipora bem que me alertou, mas eu não quis ouvir — admitiu Zé Orfeu, resignado. — Amigo, me diz... como posso chegar até a Cuca?

— Saci te leva à entrada da gruta, mas, daí por diante, é por tua conta, moleque.

— Que assim seja. Não sei como, só preciso libertar minha amada...

— Já esqueceu o que Saci falou, moleque? “Com essa viola, tu pode tudo!” — Dizendo isso, o Saci confabulou, no ouvido do violeiro, segredos nunca antes revelados a um ser humano. Então, segurando o braço de Zé Orfeu, o duende pernetá criou um rodaminho que engoliu os dois, que desapareceram no ar.

Como num piscar de olhos, os dois se materializaram diante da cachoeira, em algum local da serra. Sob a luz do luar, viram a silhueta de uma donzela, sentada sobre uma pedra, penteando seus longos cabelos e mirando-se no espelho das águas: a Iara.

— Agora é contigo, moleque. Segue o plano e vai dar tudo certo.
— Disse o Saci.

Capítulo 5

INVADINDO A GRUTA DA CUCA

Zé Orfeu repassou o que o Saci tinha dito sobre a rainha das águas:

— Cuidado! Ouvir seu canto é morte certa, pois é assim que ela te atrai para o fundo do rio e de lá tu não retorna, moleque.

A Iara era a guardiã da gruta. Então, aproximando-se, pé ante pé, Zé Orfeu chegou o mais perto possível da ninfa, assombrando-se com sua forma de outro mundo: metade humana, metade peixe.

Por ter um olfato apuradíssimo, a Iara logo sentiu a catimba de suor vinda de Zé Orfeu. Espantada, virou-se, encarando o violeiro com um olhar de gelar a alma. Tinha a face de menina-moça e olhos castanhos e, devido à surpresa, já abria os lábios cor de mel para entoar seu canto mortal. Nessa hora, o som mágico da viola de São Gonçalo invadiu seus ouvidos...



Após ouvir o som da viola mais a cantiga, a Iara cerrou seus lábios e manteve-se em silêncio. Ignorando a presença do violeiro, deu meia-volta e mergulhou, deixando apenas o reflexo da lua na superfície das águas.

Zé Orfeu prosseguiu sem perder tempo. Saltou de pedra em pedra e, logo em seguida, atravessou a cachoeira, chegando diante da entrada da gruta. Foi aí que o medo bateu e o coração acelerou. “Vai dar tudo certo... é só seguir o plano!” – Disse para si mesmo.

Então, o jovem violeiro chegou à área escura da gruta. Daquele ponto em diante, era só breu, como havia dito o Saci: “É onde tu dá de cara com outro guardião, o bicho mais medonho que há.” Naquele instante, dois pontinhos de luz surgiram, zanzando na escuridão e seguido de ganidos.

— Valha, minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!
— balbuciou. — Daqui não passo!

Sem poder enxergar naquele breu, Zé Orfeu não conseguia se concentrar nas notas musicais. “Como encantar o bicho, se a qualquer momento ele pode saltar sobre mim...” – pensava. Enquanto o violeiro refletia, uma pequena chama surgiu do nada e iluminou o ambiente.

— Caipora! — gritou.

Zé Orfeu, por fim, contemplou o terrível guardião: media uns dois metros de altura, tinha pelos no corpo inteiro e aqueles pontinhos de luz eram seus olhos brilhantes; vestia apenas uma calça esfarrapada, da qual uma cauda cabeluda sobressaía dos fundos.

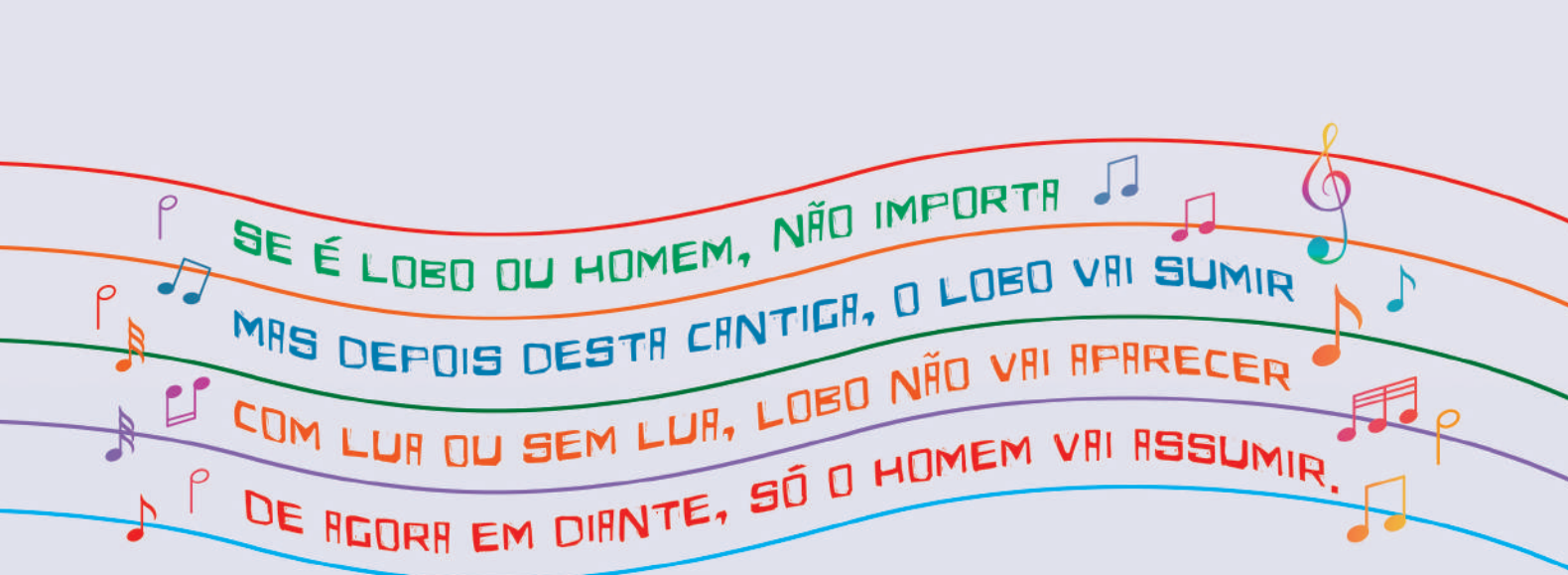
— O lobisOMEM! — exclamou.



Zé Orfeu, diante daquela assombração, não se mexia – o medo não deixava. A criatura, misto de lobo e homem, escancarou a bocarra e deu um rosnado tão alto que ecoou na gruta inteira.

— *Te avexa, macho véi...* Toca essa viola! — gritou o Caipora.

Como que saído de um transe, Zé Orfeu não perdeu tempo. Aprumando-se, dedilhou nas cordas da viola e entoou a fórmula mágica para encantar o lobisomem:



SE É LOBO OU HOMEM, NÃO IMPORTA
MAS DEPOIS DESTA CANTIGA, O LOBO VAI SUMIR
COM LUA OU SEM LUA, LOBO NÃO VAI APARECER
DE AGORA EM DIANTE, SÔ O HOMEM VAI ASSUMIR.

Foi só ouvir a cantoria que o lobisomem recuou e, ganindo como um cão, começou a se contorcer. A transformação que se seguiu foi tão medonha quanto asquerosa. De início, o bicho começou a diminuir, depois os pelos caíram, igual a cabelos de sabugo de milho; as garras das mãos encolheram e os caninos de fera também... Até que, no final, restou apenas um homem trêmulo e espantado. Ao ver o Caipora com a cabeça em chamas, o coitado gritou apavorado, correndo em direção à saída.

— Caipora, amigo, tu salvou minha vida. Nem sei como agradecer!
— exclamou, Zé Orfeu.

— Macho véi, depois dessa, tu me deve uma caixa de fumo de rolo!

— Te dou duas caixas, se me fizer outro favor — propôs Zé Orfeu. Dizendo isso, confabulou no ouvido do duende.

Fechado o acordo, o Caipora ainda acompanhou o violeiro até diante do salão da gruta. No centro, encontrava-se a temível Cuca, já em sua forma natural.

— Eiss o violeiro maiss corajoso que já vi! — exclamou ela.

— O amor de Maria Eurídice me trouxe até aqui. Então, espero retornar com ela. — disse Zé Orfeu, já dedilhando nas cordas da viola. As notas mágicas ecoaram no recinto e um rodamoinho surgiu em volta da Cuca, atordoando-a por alguns segundos.

— Como ousa me atacar, infeliz?! Para me derrotar, é preciso conhecer a cantoria certa! — vociferou a bruxa e, levantando o braço, gesticulou no ar. Então, uma gaiola desceu vagarosamente do teto, com Maria Eurídice aprisionada. Ao ver Zé Orfeu, ela se alegrou, acenando eufórica.

— Amor, que bom te ver! — Lágrimas transbordaram de seus olhos.



O jovem violeiro correu de encontro à amada, mas não conseguiu tocá-la, pois a gaiola estacionou, de forma que ele não pudesse alcançá-la.

— Vou te resgatar, amor. — disse ele. Então, voltou a ficar diante da bruxa.

— Toma a viola, dona Cuca, mas me deixa levar minha amada.

— É um trato jusssto, violeiro. Vai levar a mocinha, masss com uma condição...

A condição apresentada só mostrava o quanto a Cuca era cruel. Tratava-se de uma prova de confiança que só favorecia a ela mesma, pois deixava Zé Orfeu sem opções. Ele teria que andar, sempre em frente, sem olhar para trás, enquanto a moça o seguiria, sem dar um pio.

— E sssem ajuda do Sssaci ou do Caipora! — vociferou tão alto que os dois ouviram de onde estavam.

— E se eu olhar para trás? — perguntou Zé Orfeu.

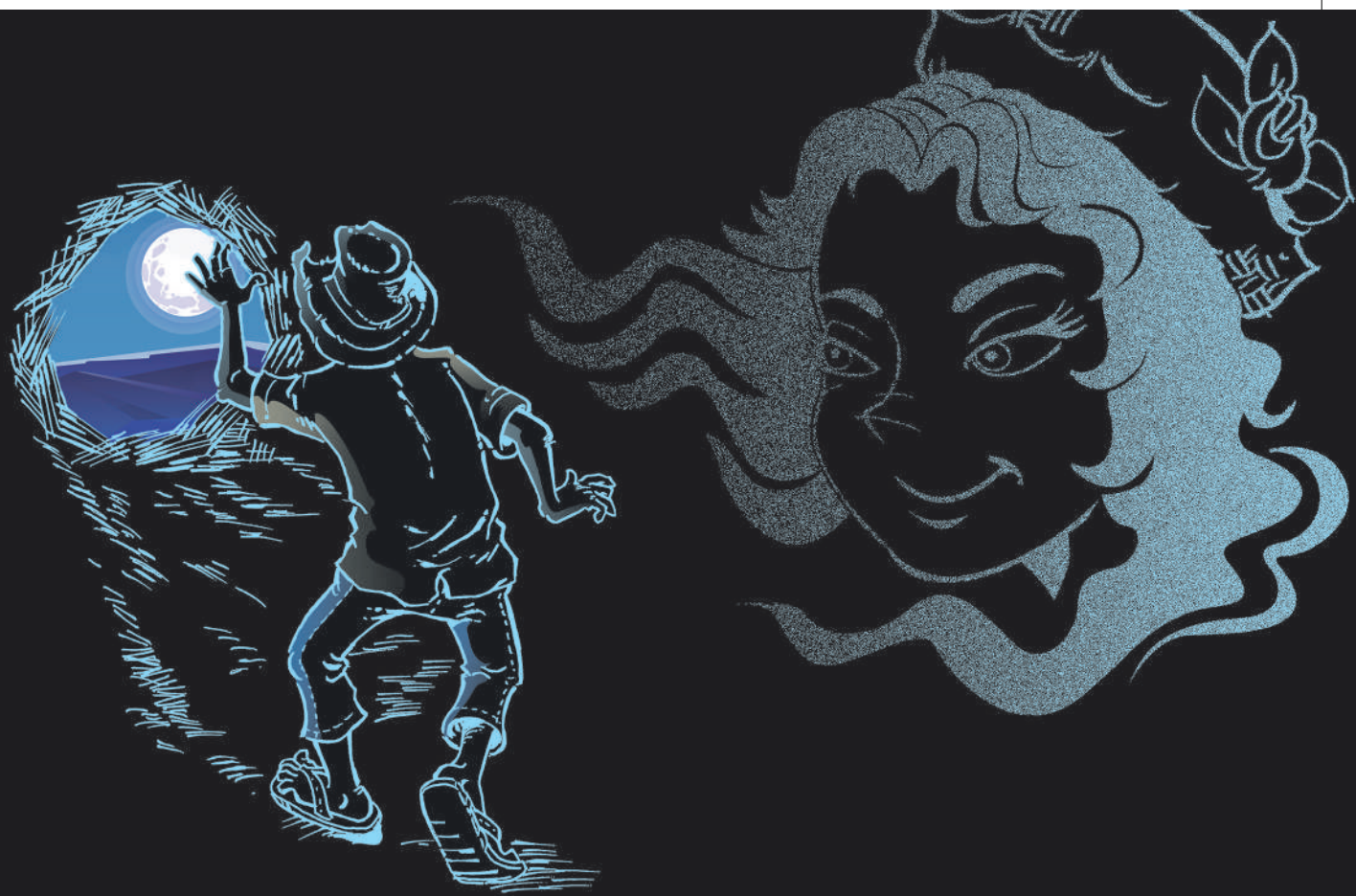
— Então a mocinha, magicamente, retornará pra gaiola!

Disse isso e, após um passe de mágica, a Cuca imediatamente tomou a viola das mãos do jovem e, gesticulando, abriu a tampa do baú, desta vez adornada com várias cruces. O instrumento, como se tivesse vida própria, voou, metendo-se por entre os outros objetos. Por fim, o cadeado trancou-se sozinho.

— Estásss livre, violeiro... Arreda da minha frente, antesss que eu te transsssforme num sssapo! — ordenou.

— E minha Maria Eurídice? Não sairei sem ela.

— Poiss olha pra frente, violeiro, e anda sssem parar. A moça vai indo atráss de ti.



E assim foi feito. Zé Orfeu deu seu voto de confiança à Cuca e partiu em direção à saída, sem olhar para trás. Não havia prova de que sua amada o seguia, mas era o jeito confiar. Já estava no percurso onde a escuridão reinava e, sem o auxílio do Caipora, a caminhada parecia não ter fim.

— Amor, estamos perto, viu? Continua atrás de mim e segue a minha voz! — gritava ele. E assim prosseguia o violeiro, pé ante pé, naquele breu de gelar os ossos.

Enfim, a longa e cansativa caminhada chegou ao fim. Já do lado de fora, Zé Orfeu finalmente olhou para trás: Maria Eurídice não viera. “Fui enganado... Bem que eu imaginava, a bruxa não tinha palavra!” Pensou.



Capítulo 6

O RESGATE

Zé Orfeu esperou por alguns segundos diante da gruta até que o local se iluminou com a chegada do Caipora. Logo atrás dele, de uma ventania, materializou-se o Saci.

— Ela me passou a perna, amigos. Agora, usaremos o plano B. — disse o violeiro. Em seguida, um vulto de mulher surgiu rastejando sobre as pedras: era a Iara.

Zé Orfeu deu um salto para trás, espantado.

— Valha, minha Nossa Senhora! — gritou, buscando socorro nos olhos do Saci e do Caipora.

— Te acalma, moleque, ela tá do nosso lado. Saci cuidou disso. — murmurou o pernetá, dando uma piscadela.

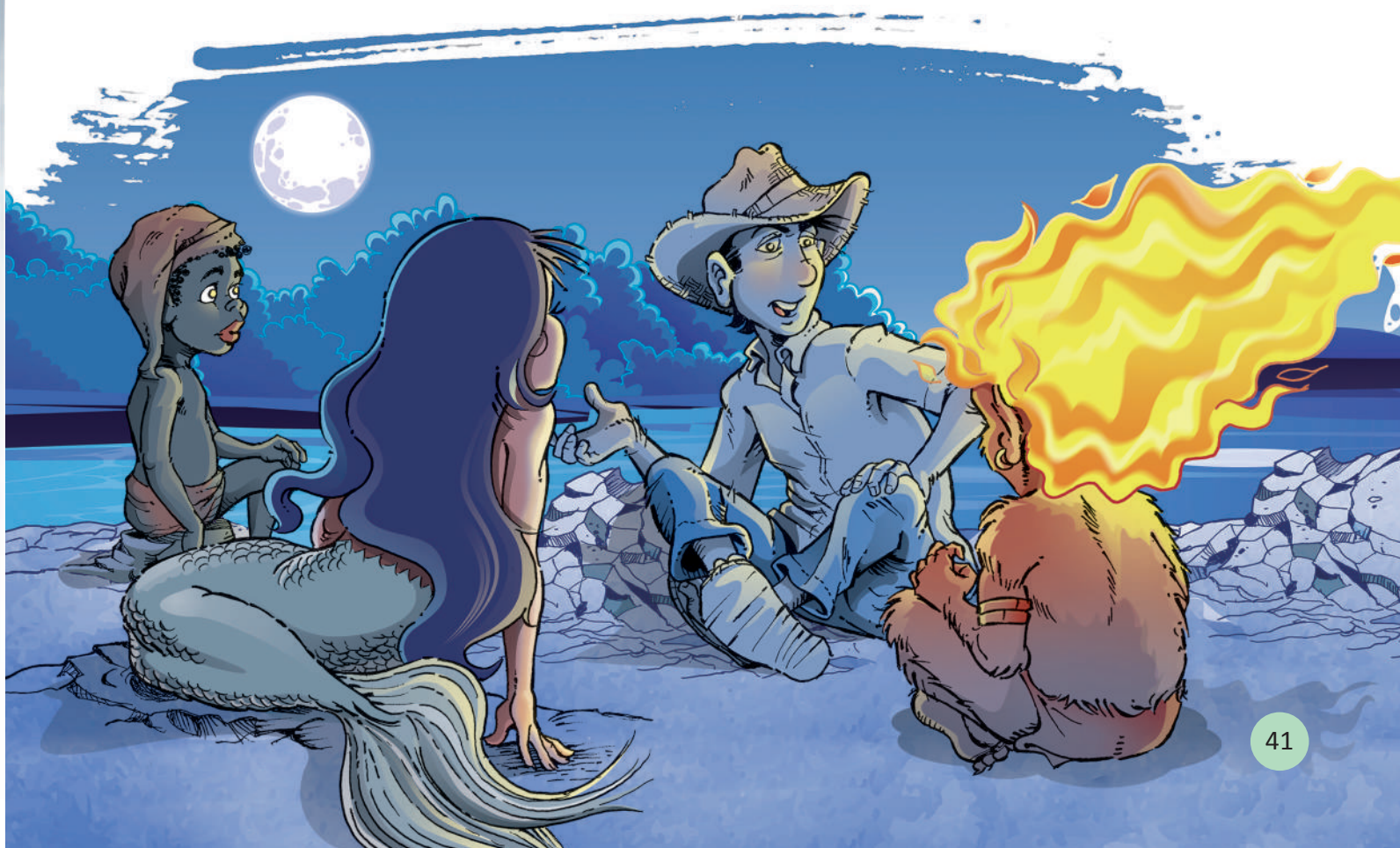
— Agora temos o plano C. Explica pro moleque, Iara! — disse o Saci.

— A Cuca só dorme uma noite a cada sete anos, mas, com o poder da tua viola, podes inverter esse tempo. — disse a Iara. Sua voz era suave e musical, dava gosto ouvi-la falar.

— Quer dizer... Ela dormiria por sete anos? — perguntou Zé Orfeu.

— Isso mesmo, bicho homem, mas somente eu conheço a cantiga certa para fazê-la dormir profundamente, afinal, sou a senhora de todas as canções mágicas — disse, enquanto alisava a longa cabeleira.

Então, por alguns minutos, os quatro heróis do mato sentaram-se em círculo, em frente à gruta e, ao som da queda d'água, traçaram um plano.



Conta-se que, quando a Cuca é contrariada ou importunada, ela ruga de tal forma que a terra treme. E foi o que aconteceu quando ela se deparou novamente com Zé Orfeu surgindo num rodaminho, na companhia do Saci.



— Masss que diabosss tu veio fazer aqui de novo, infeliz?
— grunhiu ela.

— Dona Cuca, só peço que liberte minha amada. Faz isso e no final devolvo tua viola. — disse Zé Orfeu tirando o instrumento da bolsa, diante da cara espantada da bruxa.

Com os olhos faiscando e rugindo como um animal raivoso, ela, então, levantou os braços e logo surgiu o baú, levitando diante de todos: estava intacto, sem sinais de arrombamento. Não satisfeita, gesticulou e a tampa se abriu... E lá estava a viola!

— Masss... Que bruxaria é essa? O baú esstava blindado contra sssaciss... Tantass cruzesss incrusstadasss!

Examinando melhor a suposta viola mágica, a Cuca se deu conta de que o objeto mudava de forma até se transformar numa viola comum. Foi aí que ela percebeu o embuste: caíra no velho golpe da ilusão.

— Asss notasss que o violeiro tocou não eram pra me atacar, e sssim para criar uma ilusão! — concluiu.

Foi aí que a Cuca imaginou, em instantes, o que realmente aconteceu: visualizou Zé Orfeu tocando na viola mágica e Saci surgindo em forma de rodamoinho, distraindo a Cuca por alguns segundos. Tempo suficiente para o duende pernetá deixar a viola falsa nas mãos do violeiro e, em seguida, desaparecer, em posse da verdadeira!

— Como ousssam? Fui enganada por um truque de criança!
— berrou ela. — Tu vai pagar caro, insssolente!

Levantando os braços, na intenção de arrancar a viola de Zé Orfeu, a Cuca foi surpreendida pela invasão de uma vara de porcos-do-mato. Eram uns vinte javalis furiosos e, no mais corpulento deles, vinha montado o Caipora.



A manada jogou a Cuca bem longe e, além de ter sido pisoteada, sofreu vários ferimentos causados pelas presas salientes dos bichos. Enquanto ela se recuperava, Zé Orfeu girava a roldana que suspendera a gaiola.

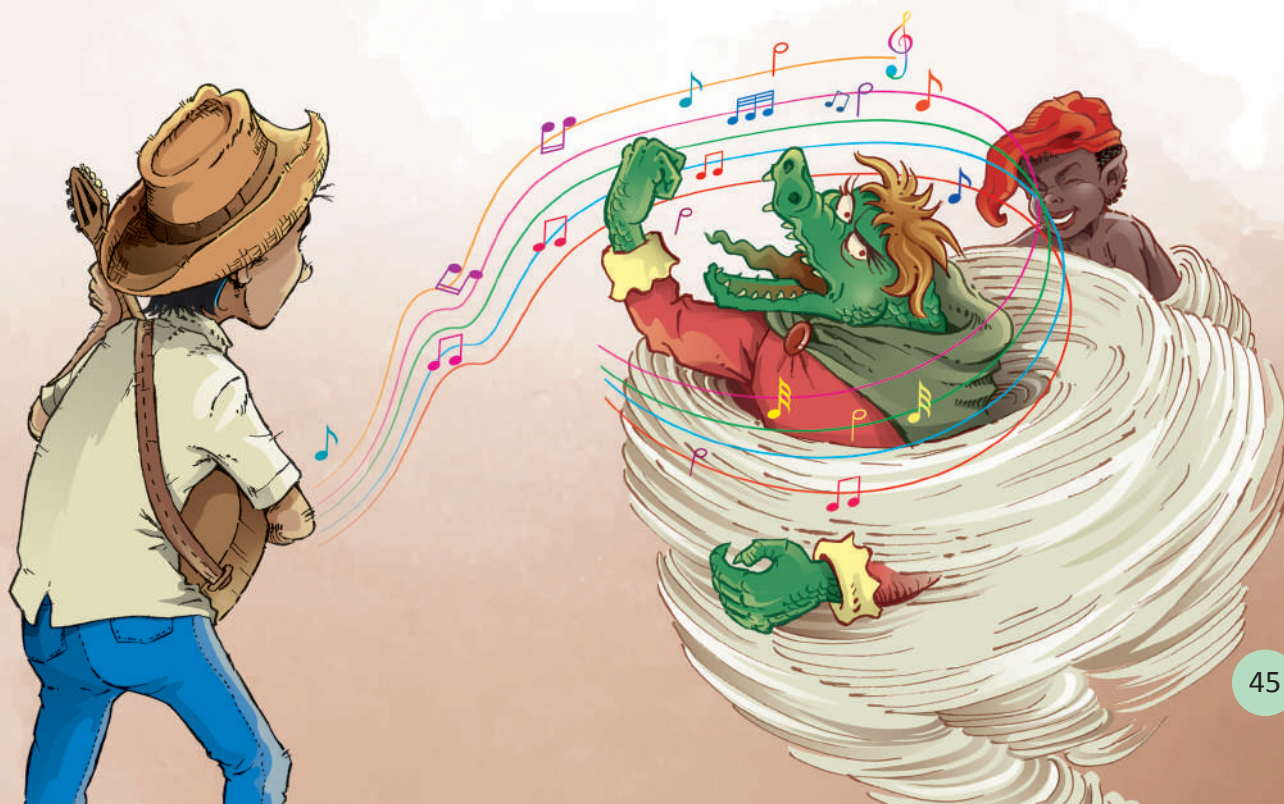
— Falta pouco, amor! — murmurava.

A Cuca, já de pé e cambaleante, por fim, conjurou um círculo de fogo ao seu redor e, com isso, espantou os javalis. Então, percebendo as intenções do violeiro, ela imediatamente lançou um feitiço, para travar a roldana. A gaiola ficou a poucos metros do solo.

— A mocinha fica como pagamento pela tua imprudência, violeiro perdedor. Tu jamais terás o dom da viola, infeliz! — gritou a Cuca, gargalhando.

Zé Orfeu não se conteve e, sem pensar duas vezes, começou a tocar a viola mágica, emitindo as notas que aprendeu com a Iara. O som invadiu o ambiente, numa melodia triste e nostálgica.

— Muito bem, violeiro, sabess tocar a melodia do ssono... — disse a Cuca — Masss, ssem a cantiga mágica, ela não me atinge. Em seguida, erguendo o braço para arrancar a viola de Zé Orfeu, a bruxa foi surpreendida por outro rodamoinho do Saci.



Conta-se que, enquanto Zé Orfeu tocava usando a melodia do sono, uma cantoria ecoou no ambiente como um coro de igreja. Era uma cantiga de ninar, cantada num idioma desconhecido, vinda da cachoeira onde a Iara penteava os cabelos e soltava sua voz.



Nunca se viu a Cuca tão furiosa quanto nesse dia: vociferava mil e um palavrões enquanto se debatia para manter-se acordada e, num último esforço de ira, com suas garras afiadas, atingiu o Saci, lançando-o a vários metros.

— Eu voltarei! — gritou a bruxa, no meio da poeira que se dissipava. Então, arriou de vez, com a barriga pra cima e a bocarra aberta, roncando.

Depois que a Cuca adormeceu e a poeira baixou, Zé Orfeu conseguiu, finalmente, destravar a roldana e descer a gaiola, libertando sua amada. A felicidade era visível no olhar do casal.

Foi aí que Zé Orfeu escutou o Caipora, com certa urgência na voz.

— Ei, macho véi, vem cá, ligeiro!

O violeiro não perdeu tempo e, segurando a mão de Eurídice, dirigiu-se ao local. Iluminado pelas chamas do Caipora, encontrava-se o Saci, recostado sobre uma pedra.

— Ele está muito ferido, macho véi...

— Não podemos perder tempo, vamos carregá-lo... — disse Zé Orfeu.



— Não, moleque, um saci sabe quando sua hora chega... — disse o Saci.

— Não diga isso, meu amigo...

— “Amigo”... Saci não sabia o significado dessa palavra... Até te conhecer... Saci sentiu...

— Sentiu o quê, amigo? — Zé Orfeu já não conseguia conter as lágrimas.

— Quando um homem toma a carapuça de um saci, logo pensa em torná-lo escravo para o resto da vida... Contigo, moleque, Saci não teve essa sensação...

— Foi por isso que voltou pra me ajudar?

— Sim. — respondeu o Saci.

— Olha, eu jamais te escravizaria, amigo. Para existir amizade, deve haver liberdade... — disse o violeiro, enquanto segurava a mão do pequeno duende.

— “Amizade”. Que palavra linda... A-mi-za-de... — Então calou-se, mantendo um sorriso no rosto.

Zé Orfeu e Maria Eurídice permaneceram de mãos dadas diante do corpo inerte do Saci. Enquanto isso, as chamas na cabeça do Caipora alternavam-se entre o vermelho e o azul até se extinguirem completamente. Então, passados alguns minutos, de súbito, algo estranho surgiu.

— Amor, o que é aquilo? — perguntou Maria Eurídice, apontando para cima.

Uma névoa brilhante se aproximava e posicionava-se por cima do Saci, flutuando.

— Ele foi digno, macho véi! — sussurrou o Caipora, acenando para que o casal se distanciasse.

— Digno? Mas o que tá acontecendo, Caipora? — perguntou o violeiro.

— Apenas observe, macho véi!

Enquanto o Caipora falava, a névoa foi se definindo até ganhar a forma etérea de uma jovem de cabelos esvoaçantes. Ela trajava um longo vestido de luz. Silenciosa e com olhar compassivo, ela fitava o corpo inerte do pequeno perneta.



— Quem é ela? — murmurou Zé Orfeu.

O Caipora permanecia em silêncio, com o olhar extasiado diante daquela visão de outro mundo.

— Ela é a mãe de todos nós, entidades do mato... Mãe Natureza, Fada Madrinha, Deusa Mãe... Ela tem muitos nomes.

— Mas por que você falou “ele foi digno?” — perguntou Maria Eurídice, curiosa.

— Porque lutou bravamente para salvar uma vida, sem esperar nada em troca — disse ele. — Para ser digno, é preciso agir com amor e sacrifício.

— Vejam, o brilho dela está aumentando... — disse Zé Orfeu.

Naquele instante, uma explosão de luz ofuscou a todos, iluminando o interior da gruta de tal forma que todas as sombras desapareceram. Então, uma ventania levantou poeira por todos os lados e, em seguida, um rodamoinho surgiu, ziguezagueando feito um pião descontrolado.

— O Saci está vivo! — gritou Zé Orfeu, sem acreditar no que via. Maria Eurídice batia palmas de felicidade.

— Moleque, o Saci tá de volta! — gritava, saltitando de alegria.

Ali próximo, a encantadora jovem de luz sorria, ao mesmo tempo que desaparecia no ar.

— Para ser digno, é preciso agir com amor e sacrifício. — repetiu Zé Orfeu enquanto abraçava Maria Eurídice e, em volta deles, comemoravam os dois amigos mais extraordinários que já se viu nesse mundo.



Zé Orfeu amadureceu e aceitou suas limitações. Não era o melhor violeiro, mas cantar lhe dava prazer e alegria, e isso era o bastante para ser feliz com sua amada.

A viola mágica? Acabou voltando para o baú, lacrado a sete chaves, aos cuidados da Iara, eterna guardiã da gruta e, também, da terrível Cuca durante seu sono profundo de sete anos.



JOSÉ DOMINGUES SILVA

Sou natural do município de São Luís do Curu, no Ceará, e resido em Fortaleza desde minha infância.

Ilustrei vários livros da coleção PAIC, PROSA E POESIA: *A magia das letras* (2012), *A menina e o cachorrinho* (2013), *A natureza em números* (2018), *Numa moda de viola*, *O vaqueiro e o caçador* (2018), *Mistério no expresso Baturité* (2018) e, atualmente, *Zé Orfeu e a viola mágica* (2022).

Da paixão pelo Folclore Brasileiro e pela Mitologia Grega surgiu *Zé Orfeu e a viola mágica*, meu primeiro conto infantil que apresenta personagens já imortalizados por Monteiro Lobato e, também, o nosso violeiro nordestino, inspirado no semideus Orfeu, filho de Apolo. O resultado não seria diferente: uma adaptação bem regional que exalta nossos costumes, desde as festas juninas aos típicos duelos de violas sertanejas, patrimônios culturais de nossa terra.

“A leitura é o combustível do conhecimento.”

@mings_artes







O **Governo do Estado do Ceará**, por meio da Secretaria da Educação, em cooperação com seus **184 municípios**, objetivando garantir o direito de acesso ao livro e à leitura literária, publica e distribui às turmas da **Educação Infantil** e do **Ensino Fundamental** a coleção **(PAIC, PROSA E POESIA)**. Essa iniciativa reúne textos de autores cearenses selecionados mediante edital público, com o propósito de incentivar a manutenção e o fortalecimento da cultura e da identidade cearense.

Este livro traz a recriação em forma de comédia do conto lobatiano da clássica tragédia grega de Orfeu e Eurídice. José Domingues narra e ilustra divertida aventura com referências à cultura cearense.

ISBN 978-85-8171-375-5



9 788581 713755

VENDA PROIBIDA

